

YOM KIPPUR: UMA DERROTA VITORIOSA

YOM KIPPUR: A WINNER LOSS

MARVIN EDGAR RIOS GUERRA HIJO ¹

Universidade Federal da Paraíba
E-mail: eddyhijoguerra@gmail.com

Resumo: A Guerra de Yom Kippur, em 1973, pode ser vista como exemplo do pressuposto de Clausewitz de que a guerra é uma ferramenta política. Anwar Sadat, presidente do Egito grande motivador do conflito, pode ser visto como ilustração deste suposto do grande teórico e estrategista da arte militar. Neste sentido, o artigo discutirá as motivações e erros dos egípcios serão discutidos, assim como as ações israelenses no referido conflito.

Palavras-chave: Yom Kippur, Egito, Israel.

Abstract: *The Yom Kippur war in 1973 can be seen as example Clausewitz's presumption that war is a political tool. Anwar Sadat, Egypt, president and source of the biggest motivation of conflict, can be seen as an illustration of this conception of the great theoretical and military strategist. Therefore, this article will discuss motivations and mistakes of the Egyptians as well as Israeli actions in the conflict.*

Keywords: *Yom Kippur, Egypt, Israel.*

¹Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

Uma teoria é considerada uma abstração da realidade, uma limitação do real para facilitar a explicação de determinado objeto. Clausewitz, importante teórico da guerra, estratégia e tática, defende a ideia de que o uso da guerra só tem valor em si quando usado para alcançar um objetivo político. O caso da Guerra do Yom Kippur, travada entre Egito e Síria contra Israel, em 1973, serve para demonstrar essa noção teórica de Clausewitz.

Isso se justifica pela ação do então presidente egípcio, Anwar Sadat, de usar a guerra, risco de derrota militar, como uma forma de alcançar seu objetivo político: negociar os territórios ocupados por Israel desde a derrota na Guerra dos Seis Dias em 1967 tendo as Nações Unidas como palco negociador. Assim, a negociação territorial seria a vitória política que justificaria a guerra.

Esse artigo, inicialmente, fará breve retrospectiva a respeito da teoria de guerra e de sua importância, focando em alguns conceitos de Clausewitz. Posteriormente, será descrito o caminho histórico que leva ao conflito de Yom Kippur em 1973, inferindo-se que este conflito foi herança da Guerra dos Seis Dias de 1967, travada entre Israel contra Síria, Jordânia e Palestina, com a posterior participação do Egito. Por fim, a última seção demonstrará as manobras militares egípcias, seus acertos e erros, mencionando também os erros israelenses. O trabalho será focado na relação entre Egito e Israel durante o conflito.

Noções de Estratégia

A primeira coisa que se deve levar em consideração em um conflito é onde pode ser de fato utilizada a estratégia e quando essa pode ser mais bem empregada. Mahnken (2010) usa o argumento clausewitziano de que a guerra é usada como um meio político. Deste modo, seria irracional um Estado engajar-se em uma guerra apenas guiado pelo uso da violência irrestrita sem vislumbrar a realização de algum objetivo. Neste sentido, ele argumenta que “the fact that war is

not senseless slaughter, but rather an instrument that is used to achieve a political purpose, differentiates it from other types of violence”. (MAHNKEN, 2010:69).

A relevância da estratégia na guerra se encontra em como usar a guerra como meio para atingir um objetivo político, levando em consideração os atributos do inimigo. Pois, uma estratégia preparada e estudada ao longo do engajamento de uma guerra confere uma vantagem estratégica se aplicada de forma correta, levando em consideração os pontos fortes e fracos de cada inimigo. Sabendo também distinguir quando uma tática de guerra pode ser mais bem utilizada a partir de pontos centrais de cada oponente.

Nesse contexto, um ponto que deve ser considerado, e muito utilizado na estratégia, é a questão de "centro de gravidade" que Clausewitz (1984) argumenta em sua obra "Da Guerra". O centro de gravidade é a base da força militar de um Estado. Contudo, ser a base da força militar de um país não significa dizer que seja necessariamente algo de cunho das forças armadas. O centro de gravidade pode ser considerado qualquer indivíduo, ideal político ou até mesmo a estrutura política de um Estado, desde que esse centro consiga passar força para seus nacionais.

A partir do descrito, então se pode verificar que o centro de gravidade é de extrema importância não só para a força militar, mas também o é para a conformação do Estado. Saber o centro de gravidade de um país concede certa vantagem estratégica, pois considerando que esse centro é fortemente responsável por manter um país “seguro”, quando o centro é “atacado e destruído” (isso em casos que o centro de gravidade não é um indivíduo) pode tornar a vitória mais fácil. O ponto forte de apoio de um Estado, onde esse ponto poderia ser catalisado desde uma figura política de influência nacional, até uma força militar com um alto índice de sucesso, que daria a nação (principalmente aos militares) a noção de ponto de apoio. Nesse caso, se esse centro de gravidade é destruído em meio a batalha, retirando a força que o país teria nesse centro a guerra pode ser vencida.

Outro ponto estratégico de relevância é o tipo de guerra a ser usada para a obtenção do fim político. Mahnken (2010) fazendo menção a Clausewitz, que diferencia a "guerra limitada" da "guerra ilimitada" demonstra duas possibilidades distintas de guerra, que contribuem para o anteriormente constatado de que para que haja a guerra deve haver um propósito. A guerra limitada teria por objetivo um ataque (invasão) ao território do inimigo e sua conquista territorial,

usando o território conquistado como base para obter uma negociação política. Ou seja, forçar uma negociação em troca do território conquistado. Já na guerra ilimitada, o objetivo estaria na tentativa de retirar a instituição ou indivíduo que estaria no poder do Estado e dessa forma, mudar o regime político local. Assim, voltando às decisões de um país para os interesses do conquistador.

Um dos pontos cruciais para o pensamento estratégico de Clausewitz, que Mahnken (2010) discorre, é o conceito de “fricção”. Esse conceito faz uma relação da estratégia em guerra ao ser planejada com a aplicabilidade da estratégia no curso da guerra. Com isso, tem-se em consideração o fato de que a estratégia, ao ser calculada, deve levar em conta possíveis variáveis influentes de acordo com o inimigo ou mesmo com a mudança na localização onde a batalha será travada. Por conta disso, algumas das variáveis a serem levadas em consideração são: o poder inimigo (poder de suas forças armadas, poder bélico e nuclear, capacidade de resposta a ataques e outros mais), os diferentes tipos de armamento que cada oponente pode usar em caso de guerra, o ambiente onde a batalha será travada. Em síntese, toda estratégia elaborada deve levar em conta a questão de adaptabilidade no momento de sua aplicação afim de obtenção de melhores resultados. Caso contrário, com as mudanças que podem ocorrer em uma guerra, se as forças armadas de um país não conseguirem se adaptar, a guerra pode não se tornar o meio de política externa mais favorável para suas políticas.

Por fim, a explicação teórica até este momento, embora breve e limitada, serve como base para uma melhor compreensão dos estudos militares e políticos em relação a guerra de Yom Kippur (1973). Esses insights teóricos serão essenciais para compreender os movimentos estratégicos de Israel e Egito durante o conflito, auxiliando na percepção dos erros e acertos de ambos os lados do conflito.

Da Guerra dos Seis Dias (1967) à Guerra de Yom Kippur (1973)

Para melhor compreender os eventos ocorridos durante a guerra de Yom Kippur, é preciso observar as consequências da guerra anterior de Israel contra Síria, Jordânia e Egito, a chamada

Guerra dos Seis Dias ocorrida em 1967. Esse conflito é fundamental para compreender a razão do revanchismo egípcio para com o Estado de Israel, uma vez que o ideal de união árabe almejado por Abd Al-Nasser, que estava no poder do Egito na época, acaba se fragmentando com a derrota egípcia na Guerra dos Seis Dias. Além disso, a figura do Nasser como representante desse ideal se deteriora e com isso o ideal árabe defendido pelo Egito também entra em decadência. (HOURANI, 2001).

A guerra ocorre em função das tensões causadas pela disputa territorial entre Israel, Síria, Jordânia e Palestina. Na tentativa de auxiliar o Estado Sírio, o Egito entra no conflito para ameaçar o Estado Israelense. No entanto, com o apoio dos Estados Unidos tanto em termos de armamentos, como na questão de proteção em caso de ameaça a sobrevivência do Estado, Israel ataca de forma a surpreender as nações egípcia, síria e jordânia, em suas respectivas bases aéreas, conferindo uma vantagem estratégica a Israel. O ataque surpresa de Israel sobre as bases militares dessas nações árabes aliadas não foram por si só uma humilhação imposta, mas também resultou na tomada de territórios egípcios, como o Canal de Suez e também de territórios sírios, como as planícies de Golan. (STANSFIELD, 2008).

A guerra foi um momento decisivo, sob muitos e diferentes aspectos. A conquista de Jerusalém pelos israelenses, e o fato de que os lugares santos muçulmanos e cristãos agora estavam sob controle judeu, acrescentaram outra dimensão ao conflito. A guerra mudou o equilíbrio de forças no Oriente Médio. Ficou claro que Israel era militarmente mais forte que qualquer combinação de estados árabes, e isso mudou a relação de cada um deles com o mundo externo. (HOURANI, 2001: 414).

O desfecho da Guerra dos Seis Dias resultou em uma derrota humilhante para o Egito, assim como para a Síria. Ademais, houve o enfraquecimento de Nasser como figura responsável pelo ideal de unificação árabe. Logo depois a derrota devastadora na guerra, Anwar Sadat assume a presidência do Egito com a morte de Nasser alguns anos após a guerra. No entanto, assim como Sadat havia herdado um Egito enfraquecido pela derrota, também havia herdado o revanchismo em relação à derrota anterior. Da mesma forma, a problemática em relação as terras egípcias em posse agora de israelenses estavam em questão e eram fonte o suficiente de discórdia entre ambos Estados. (BROWN, 1993).

Stephen Brown (1993), em sua análise sobre como Sadat procedeu em termos estratégicos na tentativa de negociação em relação às terras sobre posse israelense, discute as ações do presidente egípcio sobre as disputas por território até o desencadeamento da guerra de Yom Kippur. Uma das primeiras noções que o autor tem em relação a Sadat, consiste na percepção que o presidente egípcio teve sobre o claro envolvimento das potências extra regionais (Estados Unidos, Europa Ocidental, assim como a própria União Soviética) nas relações entre os Estados da região árabe. Tornou-se fácil essa percepção pela relação entre Estados Unidos e Israel na Guerra dos Seis Dias, e a vitória israelense aumentou a proporção do envolvimento de algumas potências ocidentais nos contenciosos da região árabe. Para o autor, Sadat reconhecia o fato de que não poderia forçar Israel a retirar-se do território egípcio, mas poderia influenciar o envolvimento das potências em relação a esse assunto, de modo a alcançar seu objetivo político.

Sadat developed a multi-faceted grand strategy to achieve his national security objectives of resolving the Palestinian issue and elevating the Arab-Israeli dispute to the superpower level. First he had to restore Egyptian self-confidence and promote pan-Arab unity under Egyptian leadership. Second, he needed to isolate Israel in world public opinion. Third, he had to retake and hold portions of the Sinai and Golan Heights lost to Israel during the 1967 war. Finally, he had to shock the superpowers into taking the lead in resolving Arab-Israeli disputes. Given the unacceptable pro-Israeli status quo following the 1967 war, Sadat saw no alternative to war as a central element of his grand strategy and came to power promising the Egyptian people a "Battle of Destiny." (BROWN, 1993: 4).

A despeito da motivação egípcia para atacar Israel derivados da influência que a Guerra dos Seis Dias teve sobre o Estado egípcio, Israel haveria adotado uma política de “nem paz, nem guerra” para com o Egito. Demonstrando o reconhecimento da inimizade egípcia, e mesmo assim agindo de forma negligente para como o mesmo. O que por consequência desencadearia numa série de erros estratégicos que poderiam ter evitado o ataque surpresa egípcio a Israel. O principal erro israelense em relação às iniciativas egípcias é a questão de uma extrema confiança em seu aparato militar tecnológico e o depósito excessivo de confiança que se havia colocado na força aérea israelense.

A presunção israelense em relação às atitudes egípcias era tamanha que a Premier israelense Golda Meir chega a afirmar, em meados de 1973, que um ataque egípcio, na ótica interna de Israel, era muito pouco provável, além do fato de acreditar que se Sadat se engajassem numa guerra

contra Israel nada ganharia. Caso Sadat fosse contra as previsões israelenses, Meir afirmava que Israel estaria pronto para tomar contra medidas necessárias. (O'BALLANCE, 1968).

Uma das razões que faziam Israel não acreditar em um ataque egípcio provinha do fato de que o maior temor à segurança do Estado (na percepção israelense) seria com grupos terroristas e guerrilhas que faziam parte da luta territorial pela Palestina. A partir desse ponto, O'Ballance (1968) salienta a respeito da falta de preocupação de Israel para com os Estados Árabes, assim como para com o Egito em termos de possíveis ataques, advinha do serviço de inteligência israelense, que após o fim da guerra de 1967 enfatizava uma maior vigilância aos grupos palestinos e não ao monitoramento dos Estados árabes inimigos de Israel .

Por fim, o que assegurava ainda mais para o Estado israelense que o Egito não iria atacar, advinha da iniciativa egípcia de tirar de seu território o apoio soviético que lá se encontrava para dar suporte às tropas egípcias assim como suprir seu armamento. Argumentando que um ataque advindo do Egito só deveria acontecer com apoio militar da potencia soviética, Israel tinha a percepção que por essa razão o Estado egípcio não teria a capacidade de se organizar ao ponto de promover um ataque contra o Estado israelense. (O'BALLANCE, 1968).

Em contraposto ao que Israel acreditava havia a determinação de Sadat no engajamento da guerra. Stephen Brown (1993) argumenta que o encorajamento a saída das forças soviéticas se devia ao temor de Sadat que o Egito poderia ser visto como um Estado tutelado pela União Soviética. Isso poderia trazer uma excessiva atenção internacional das potencias inimigas da União Soviética, que ao perceberem o movimento do Egito contra Israel poderiam encarar tal movimento como sendo idealizado pelos soviéticos e somente executado pelas forças egípcias. O desfecho de tal possibilidade poderia ser uma interferência externa nas manobras egípcias contra Israel, o que não era o desejo de Sadat. Nesse sentido, há uma má percepção israelense sobre o real motivo do afastamento das tropas soviéticas pelo governo egípcio, que ao contrário da noção de Israel de que este movimento resultaria em uma incapacidade egípcia de ataque, na verdade se configurava como mais uma manobra de Sadat para tornar o ataque algo real.

A partir do pressuposto israelense de que o Egito não seria capaz de ataca-lo, caracteriza-se a surpresa do ataque que foi iniciado no dia 6 de Outubro às 14 horas, em 1973. Ataque que foi

realizado em conjunto com a Síria, onde a mesma atacaria a nordeste pelas planícies de Golan e o Egito a Sudoeste pelo Canal de Suez, pela costa do Sinai. (BOLIA, 2004).

Os Erros em Yom Kippur

Com o desfecho da guerra de Yom Kippur pode-se evidenciar alguns erros tanto táticos como estratégicos, como já mencionados anteriormente, onde, tais erros foram cruciais para o desenrolar do conflito. Ambos os lados cometeram deslizes que poderiam ter sido evitados. A começar com o ataque surpresa coletivo de Egito e Síria. No entanto, o ataque surpresa não foi o único ponto a se destacar em questão de erro israelense para evitar a guerra.

A guerra dos Seis Dias serviu de lição para os países que nela engajaram em relação ao poderio da Força Aérea Israelense. Onde, por conta de sua grande vitória demonstrou aos países árabes que em questão de armamento militar e força aérea, Israel era, de certa forma, uma potencia regional. Por essa razão, a noção de que o país seria invencível contra os países vizinho teria sido disseminado pela nação israelense. Em contraposto, Egito e Síria aprenderam sua lição na Guerra dos Seis Dias, e o fator que lhes dera vantagem em relação a Israel, foi a mudança no armamento no momento do ataque surpresa. Onde, suas forças estavam equipadas com artilharia antiaérea e antitanque. Nesse ponto pode-se notar a preocupação que os países árabes tiveram em relação a atacar a estratégia do adversário, tentando neutralizar o centro de gravidade das forças israelenses. Uma vez que o poder militar Israelense colocava boa parte de sua confiança em todo seu aparato aéreo. (O'BALLANCE, 1968).

O fato de um ataque surpresa a Israel onde seu poder aéreo havia sido quase que neutralizado por armamento antiaéreo das tropas egípcias, confere ao Egito uma vantagem estratégica nos primeiros dias em que a guerra se iniciou. Pois, quando as forças egípcias iniciaram os ataques pelo Canal de Suez, o ponto estratégico principal para Sadat seria a formação de cabeças de ponte, que teriam a função de invadir e ocupar território que teria sido conquistado (nesse caso, reempossado) até pelo menos um cessar fogo advindo das Nações Unidas:

In order to accomplish this the Egyptians planned a three-phased operation. In phase one a simultaneous crossing of the canal along a broad front would be executed by the 5 infantry divisions assigned to the 2nd and 3rd Armies in order to secure divisional-sized bridgeheads. Phase two included consolidation of the bridgeheads into a continuous bridgehead line, the transfer of the mechanized and armored divisions to the east bank of the canal and a temporary transition to the defensive in order to defeat the expected IDF counterattack on the bridgeheads preparatory to the transition to the third phase. Phase three would see a continued attack by the mechanized and armored divisions to reach operational objectives in the vicinity of the Gidi and Mitla passes (LOEFSTEDT III, 1996:7-8).

No entanto, a operação egípcia não conseguiu manter em posse os territórios conquistados por muito tempo, em função de falhas nas táticas de batalha das tropas egípcias. Primeiramente, houve falhas na comunicação entre soldados e oficiais, e por sua vez ocasionou uma interrupção de continuidade na operação de ocupação. Outra falha ocorrida destaca a questão dos oficiais egípcios, onde muitos estavam mais ligados ao meio político do que ao meio militar por assim dizer, o que ocasiona na falta de experiência em batalha e erro tático para manter o que foi conquistado no início do ataque. (BOLIA, 2004).

Do outro lado, as forças israelenses tinham o que Clausewitz chama de *Volksgeist*, que é um senso de “espírito nacional”. (BOLIA, 2004). Devido o Estado de Israel estar cercado por países que compartilham da mesma inimizade para com o Estado de Israel, os israelenses criaram um forte senso militar de sobrevivência que se refletia em um aprimoramento constante de seu poder militar. Uma evidência disso pode ser o fato de que a força aérea israelense era considerada a melhor do Oriente Médio (O’BALLANCE, 1968). Devido a todo perigo de ataques de Estados Árabes à integridade de Israel, Robert Bolia (2004) ressalta que “The Israelis always felt as though they were fighting not simply to win, but also to exist”. (BOLIA, 2004:54).

Devido a essa característica particular os oficiais israelenses tinham uma experiência de campo maior se comparado com a experiência de oficiais egípcios. Isso ajuda na formulação rápida de novas táticas de batalha em meio aos ataques surpresas e a reformulação de táticas que combatam a artilharia antiaérea egípcia.

Mesmo com a vantagem adquirida nos primeiros dias de combate pelas forças egípcias, teve uma reviravolta, pois a diferença de experiência entre os militares israelenses em comparação com os

oficiais egípcios, mudou o curso do conflito no momento de adaptação da estratégia que antes era empregada pelas forças israelenses.

Um ponto a ser destacado é que mesmo que as forças israelenses se apoiassem muito em sua força aérea, Israel ainda tinha uma infantaria muito melhor treinada em comparação às forças armadas dos Estados Árabes, algo que é perpetuado no Estado Israelense desde o momento de sua criação, e que garante a retomada da vantagem estratégica quando as forças armadas israelenses conseguem neutralizar as forças egípcias pela retaguarda. (BOLIA, 2004).

Considerações Finais

Ao que questionar quais os países que teriam vencido a guerra de Yom Kippur, deve-se levar em consideração as ações de tática de guerra usada durante o conflito em si, como a estratégia adotada por cada um dos países. Por um lado Israel tinha sua estratégia militar quase que totalmente voltada para sua força aérea, que se destacava no Oriente médio, e que, além disso, tinha um aparato militar bem treinado e com a noção de luta pela sobrevivência do Estado. Por outro havia todo o planejamento político envolvido por trás das ações militares por parte do Egito, que estaria usando da guerra como uma forma de negociação por território.

A força aérea israelense por ser o braço forte do Estado, teria uma estratégia mais bem articulada para a tentativa de atacar o inimigo primeiro, da mesma maneira que aconteceu na guerra em 1967, que foi usado como um ataque preventivo, dando melhores condições de sobrevivência em guerra e tornando-a mais curta em termos de tempo. Ou seja, o poder aéreo israelense diferentemente de como é usado em muitos países, como suporte as tropas terrestres, é usado como forma de anular as forças inimigas atacando suas bases, podendo assim abrir caminho pra suas tropas.

A estratégia de combate que é utilizada por Israel foi colocada em evidência quando as tropas egípcias lançaram seu ataque de forma a surpreender as forças israelenses, revelando várias falhas na segurança e inteligência, que em sua grande parte estava ligada a alta confiança depositada na força aérea do país. De tal modo que a força aérea demonstrou demora em reagir em resposta aos ataques surpresas coordenados pelas forças árabes.

No entanto, mesmo, com as falhas israelenses postas a prova, a infantaria israelense pôde provar ser eficiente e não ser totalmente ofuscada pelo sucesso da força aérea, assim como a importância do senso do “espírito nacional” e da experiência dos oficiais de comando israelenses foram críticos para a retomada das vantagens durante a guerra, tendo em vista a noção de fricção já antes exposta, demonstrando a capacidade das forças do Estado israelense em se adaptar em meio ao combate, transformando as vantagens que vieram a ser adquiridas com o passar da guerra em possível vitória militar.

O Egito de Sadat, por sua vez, teve como intenção primordial, desde o momento em que assumiu o poder, reaver os territórios conquistados por Israel na Guerra dos Seis Dias. Brown (1993) argumenta que Sadat teria criado o que ele considera uma “grande estratégia”, que teria por base diversas variáveis a serem consideradas, como a questão do envolvimento das potências nos conflitos da região. Sadat teria tentado obter apoio das Nações Unidas para poder negociar o território em posse do Estado israelense, porém sem sucesso ao tentar negociar diplomaticamente se viu como única alternativa usar do aparato militar para poder impor uma “negociação” com Israel. Como já mencionado antes, Sadat em seu plano, não tinha como objetivo avançar totalmente sobre o território israelense, mas somente conseguir penetrar no território através do Canal de Suez, fazendo cabeças de ponte ao longo da costa do Sinai, ocupando assim o território conquistado e se mantendo fixo na região até que o cessar fogo fosse negociado pelos órgãos internacionais. No entanto, mesmo com a posição superior que Israel conseguiu ao decorrer da batalha, o cessar fogo almejado por Sadat foi conquistado.

Nesse contexto, o Egito conseguiu provar para o sistema internacional que a invencibilidade de Israel poderia ser contestada, dando base para as potências imporem acordos com relação a negociação territorial entre Egito e Israel. Assim pode-se notar que mesmo que o Egito não tenha

conseguido se manter firme e dar a continuidade planejada no campo de batalha, a estratégia de Sadat teve o fim alcançado, que seria o de abrir brechas para novas negociações em relação a posse dos territórios Egípcios que estavam em poder dos israelenses, caracterizando para o Egito uma ‘vitória política’ apesar de uma derrota militar.

Referências Bibliográficas

O'BALLANCE, Edgar (1979). "Fortress Israel" In. *No Victor, No Vanquished: The Yom Kippur War*, Londres, Barrie & Jenkins, pp. 28-36.

BOLIA, Robert S. (2004). "Overreliance on Technology in Warfare: The Yom Kippur War as a Case Study". *Parameters, US Army War College Quarterly*, vol. 34, n. 2, pp. 46-56.

BROWN, Stephen D. (1993). "Anwar Sadat and the Yom Kippur War. Course 1: Foundations of National Security Strategy", Washington D.C., National War College, pp. 1-9.

CLAUSEWITZ, Carl von (1984). *On War*. Princeton: Princeton University Press.

LOEFSTEDT III, Arthur B. (1996). "Yom Kippur 1973: An Operational Analysis of the Sinal Campaign", Newport, Naval War College, pp.1-21.

HOURANI, Albert (2001). "O Auge do Arabismo (1950-1960)" In. *Uma História dos Povos Árabes*, São Paulo, Companhia das Letras, pp.403-415.

MAHNKEN, Thomas G. (2010). "Strategic Theory" In. BAYLIS, John, WIRTZ, James J. & GRAY, Collin S. (Eds), *Oxford, Oxford University Press*, 3. Ed, pp. 67- 81.

STANSFIELD, Gareth (2008). "Israeli-Egyptian (in)security: the Yom Kippur War" In. SMITH, Steve, HADFIELD, Amelia & DUNNE, Tim (Eds) *Foreign Policy: Theories, Actors, Cases*, Oxford, Oxford University Press, pp. 286-299.